



A teoria crítica: os tropeços da razão emancipatória

Marlito de Souza Lima

A razão como instrumento de libertação do homem de sua minoridade é a convicção partilhada, desde Kant, por todos os iluministas. Concebida como processo emancipatório que conduziria à autonomia e à autodeterminação, converte-se na leitura de Horkheimer e Adorno, em seu contrário: em um crescente processo de instrumentalização para a dominação e repressão do homem.

Para Habermas, a razão não esgotou sua força crítica, nem está centrada em um sujeito solitário e autônomo como em Kant e Adorno. Acredita que a modernidade é um projeto inacabado.

Em sua Teoria da Modernidade, Habermas busca explicar os paradoxos ou patologias da modernidade à luz do pensamento sociológico clássico e contemporâneo, indicando possibilidades de sua superação. Habermas faz uma distinção fundamental entre os processos de modernização e a modernidade cultural. Os processos de modernização constituem uma economia de mercado, baseada no princípio do lucro, na relação capital-trabalho, no cálculo de rentabilidade etc.

A racionalização da economia e do Estado resultou na hegemonia da racionalidade instrumental, que coloca finalidades centradas nos princípios lucro e poder.

A modernidade cultural significa a constituição do Estado racional legal, calcado em um sistema jurídico, numa burocracia efetiva, em um exército e uma polícia etc. Enquanto a modernização societária refere-se aos processos de racionalização ocorridos nos subsistemas econômico e político

Para Habermas, a modernização societária significa a expulsão da racionalidade comunicativa do mundo sistêmico e sua reclusão ao mundo vivido.

A economia e o Estado asseguram a reprodução material e institucional da sociedade moderna sem admitir o questionamento dos princípios que regem o seu funcionamento, e em períodos de crise econômica, como a atual, o Estado fornece os recursos monetários necessários, mas não intervém em sua lógica. E quando em algum lugar a administração política contraria os interesses das transações comerciais, criam-se barreiras econômicas que obrigam seus governantes a curvarem-se diante da denominada economia de mercado.

A eficácia da economia e do Estado, e reduzida ao imperativo de mínimo de gasto e máximo de benefícios visados; lucro e poder aparecem como um fim em si mesmos, sem permitir a negociação coletiva dos fins últimos da modernização societária.

Em Habermas, a modernização societária tem, portanto, uma conotação negativa, enquanto na autonomização das esferas da ciência, da moral e da arte predomina a racionalidade comunicativa; em cada uma delas, as "pretensões de validade" são postas em questão, suspensas temporariamente e reelaboradas no interior de um processo argumentativo racional ("discursos") independente das instituições em que estão situados universidades e institutos de pesquisas, o social, o mercado, o consumidor e o crítico de arte: a esfera da ciência, espaço privilegiado do cultivo da verdade, instaura "discursos teóricos" quando as pretensões de validade das verdades afirmadas em suas teorias são questionadas; a esfera da moral, espaço do cultivo das normas e princípios que regem a ação social, instaura "discursos práticos", buscando melhor adequação e legitimação das normas; a esfera da arte, na qual se exprime a veracidade dos atores e sua subjetividade, permite transformação da subjetividade em intersubjetividade expressiva. A convicção do autor é que o processo de autonomização das esferas que constituem o mundo vivido seja capaz de instaurar discursos de descolonização do mundo vivido e que recoloca a razão em seu lugar devido.

A primeira patologia da modernidade é o desacoplamento, desengate do mundo sistêmico, regido pela razão instrumental, do mundo da vida regido pela razão comunicativa e colonizado pelos interesses do mundo sistêmico. O processo de colonização atinge até a esfera da personalidade.

O estudo da modernidade permite ao aluno uma exploração, confronto e diferenciação dos conceitos fundamentais da teoria crítica em outros autores da escola de Frankfurt; testar sua eficiência para a compreensão e análise de fenômenos contemporâneos.

Situar fenômenos dentro de um referencial teórico que permita compreender suas dinâmicas e sentidos.

Bibliografia:

HABERMAS, Jürgen, *O discurso Filosófico da Modernidade*. Martins Fontes, São Paulo 2002.